

* Reuniram-se em congresso os fracassados de Paris. Compareceu o ex-sub-papa do "letrismo", Pommerand, que recebeu um vaso de água na cabeça. (Conheci pessoalmente Pommerand; é a primeira vez que tenho notícia de um banho seu). O ex-dominicano Jean Patry discursou: "É preciso que cada inadaptado, cada fracassado, cada inútil, constitua um canal de escoamento para esvasiar a sociedade; que cada um de nós seja de algum modo um curto-circuito social." Serge Berna, poeta fracassado alsaciano, disse: "Nossa vontade de inércia aumenta à medida que se acentua a ignóbil pressão da sociedade." A certa altura, depois de muita celeuma e algumas brigas, houve um relativo silêncio na sala; então o "poeta ingênuo" Nonosse, que participava da mesa, deitou-se no chão, pôs os pés sobre uma cadeira e bateu furiosamente uma campainha para "restabelecer a desordem". Os fracassados editam uma revista chamada "Janus" e têm como primeira figura a linda Madeleine Aurbach, poetisa fracassada, mas não fracassada como mãe (tem um filhinho com um prêto da Martinica) nem como filha (seu pai é um grande banqueiro).

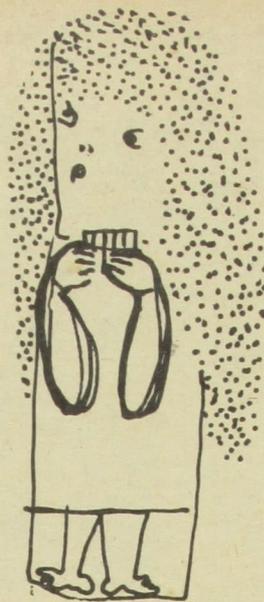
* Um jornal noticiou que em Marselha um rapaz conhecido como "Tristão, o anarquista" matou uma pequena de costumes ligeiros, com quem vivia, e depois tentou suicidar-se, o que não conseguiu. Um anarquista de verdade escreveu ao jornal protestando contra o apelido de Tristão, e explicando que os anarquistas lutam contra a exploração do homem pelo homem e, com mais razões, da mulher pelo homem; assim, um homem que vive de explorar uma mulher pode ser tudo, menos um anarquista. Declara que, no comêço da guerra da Espanha teve a "grata oportunidade" de, juntamente com alguns companheiros, executar alguns exploradores de mulheres, e diz que "é verdadeiramente uma pena que não possamos continuar a agir nesse sentido."

* Em uma exposição consagrada a Bernanos aparece a primeira página do álbum de sua sobrinha, onde ele escreveu: "Não te cases jamais com um homem de letras. Estarás arriscada a ser mãe de outros homens de letras, e a retardar, assim, o desaparecimento de uma espécie intermediária entre o pavão e o peru."

* Somerset Maugham deu conselhos a um jovem autor dramático que queria saber o que devia fazer para vencer: "Escreva uma tragédia em cinco atos, e meta na gaveta. Ao fim de dois anos pegue aquilo, releia com atenção, e transforme em uma comédia em três atos. Depois de deixá-la na gaveta mais algum tempo, transforme a comédia em um "sketch". Feito isso, case-se com uma americana rica."

* Um amigo me escreve que viu, em Berlim, uma exibição de filmes antigos, surrealistas. "São muito interessantes, mas de vez em quando têm coisas de um violento mau gosto: a) um homem cõrta, com uma grande navalha de barbear, daquelas antigas, o olho de sua amada; b) a amada chupa o dedo do pé de uma estátua."

* De um artigo de Françoise Giroud sobre Orson Welles: "Alguns temem que esse jovem gigante genial tenha a carreira curta de um menino prodígio: passado o prodígio, fica apenas o menino, um velho menino encharcado de álcool..." — R. B.



TIMIDA



ANJO

DUAS PAGINAS
DE

Rubem

GENTE DA CIDADE



Elsie Lessa
Cronista

Houve tempo em que não se abria uma revista mundana sem dar com o retrato de Elsie Lessa — e sempre tão elegante e tão linda que parecia menos uma cronista que um assunto para crônica amável de J. de Thormes ou de G. de A. Antes de censurar a Elsie essa fase de mundanismo brilhante, convém saber do mundo de limitações e anseios de sua adolescência severa.

Essa menina que nasceu na rua Maria Antônia, em São Paulo, é filha de um pastor protestante, professor de linguas, e de uma professora, e cresce dentro de uma casa pastoral. Um casal presbiteriano independente tem uma bonita lista de "não pode" para repetir à filha. Ela não podia fazer nenhum esporte, nem namorar, nem se pintar, nem ir a bailes, nem nada. Aos domingos só podia lêr livros religiosos. Cinema era praticamente um pecado, mas por uma espécie de tolerância era permitida às vezes uma vespéral de algum filme edificante, em companhia de tia ou avó. O regime era estudar, orar e dormir cedo.

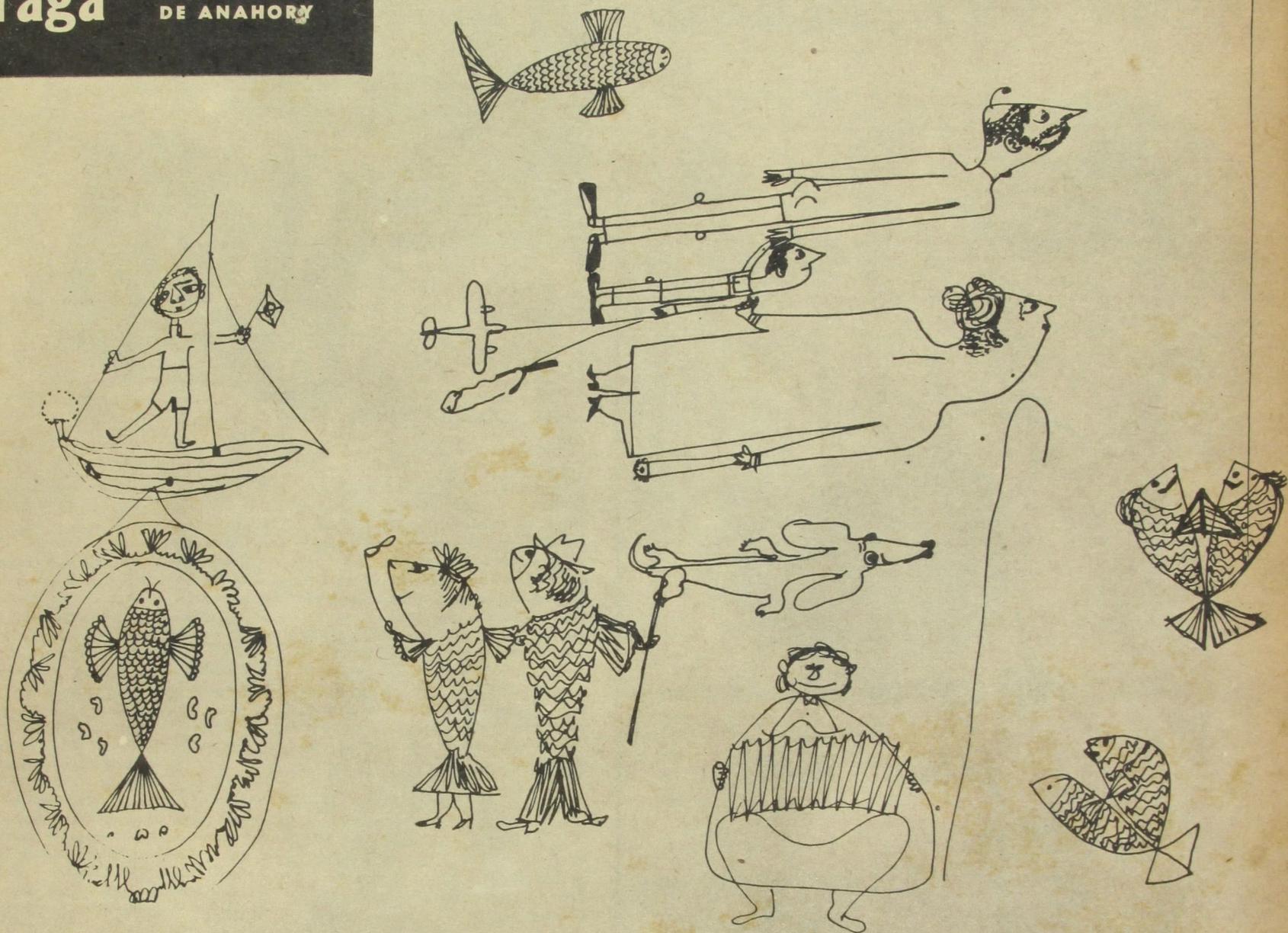
E olhem que seu pai era tido por liberal: seu tio era tão intransigente no cumprimento dos mandamentos do Senhor segundo a interpretação presbiteriana, que não fazia nenhuma transação comercial aos domingos; assim, embora morasse muito longe da igreja e tivesse 10 filhos fazia, com a mulher e a prole, uma longa procissão a pé até o templo — pois pagar o bonde seria de algum modo fazer uma transação comercial com a Light & Power.

Obrigada, entre outras coisas a estudar piano, embora sem nenhuma vocação musical, a mocinha Elsie aprendeu a tocar alguns hinos no órgão da igreja ao lado. Não podendo sair à rua nem brincar, entrava na penumbra da igreja vazia e punha-se a tocar um hino; de repente se assustava com o silêncio entre duas notas, começava a pensar em almas do outro mundo e saía correndo da igreja em disparada. De todas as almas que povoam o outro mundo a que mais a impressionava era a do avó materno, que não chegou a conhecer, o gramático e escritor Júlio Ribeiro, autor do famoso livro "A Carne".

Elsie achava maravilhosa a história de sua avó — "uma das mulheres mais lindas e inteligentes que jamais vi" — que aos 23 anos casou-se de pura paixão com o escritor viúvo, pobre e tuberculoso, enviuvou aos 32 anos e passou o resto da vida sem olhar outro homem, no puro enlevo da lembrança de seu amado. Júlio Ribeiro tinha sido católico, depois protestante, depois ateu — e morreu ateu. Em sua fase protestante compôs alguns hinos — e quando tocava um desses hinos na igreja deserta a sua neta estremecia de repente, pensando ouvir os passos do avó, atrás de si.

"Fui magrinha e morena como qualquer polinésia..." diz Cecília Meireles em um de seus mais belos poemas. Por ser morena e magrinha, Elsie Lessa se achava muito feia, e sofria com isso. Sofria também com os vestidos que sua avó lhe fazia, uns vestidos horrendos, tristes, severos — "alguns deles me doem até hoje; estou dormindo, tenho um pesadelo, dou um grito, acordo, estava sonhando com um vestido daqueles." Aos 8 anos aconteceu um mistério que a perturbou profundamente e a intriga até hoje: em seu caderno de música apareceram escritos uns versos, com





letra de menino, versos feitos para ela. (v. "Mulheres, Homens & Coisas" neste número). Jamais descobriu quem foi — e nunca nenhum poema a fez sonhar tanto. Gostaria de ser loura, rosada, cheia de curvas e de cachos — e tinha os cabelos lisos e a pele pálida e morena, as pernas finas...

Lia, lia desesperadamente a Bíblia, versículo por versículo, lia também qualquer livro que lhe caía nas mãos. Seu ideal de mocinha era ser bailarina e médica, achava que seria lindo ser as duas coisas ao mesmo tempo. Achava, mas nem sequer tinha coragem de dizer. O pai era pobre, como convém a um rígido pastor protestante, e depois de sair, ainda uma criança, do ginásio, Elsie entra para a Escola Alvares Pentecoste e faz o curso de perita contadora. Antes dos 16 anos começa a trabalhar como taquígrafa e datilógrafa — e, como trabalha, essa filha da igreja presbiteriana independente começa a ser um pouco menos presbiteriana e um pouco mais independente. Realiza um sonho: às 5 e meia, saindo do escritório, vai para uma piscina, onde faz ginástica e aprende a nadar — quer ficar forte, quer ser bonita e moderna. Aprende vários estilos mas se especializa em nado de peito; chegou a competir.

E, santo Deus, namora. Namora uma ovelha negra da igreja presbiteriana: o sr. Orígenes Lessa, pastor que abandonou a igreja, filho de pastor é também, e primo longe de Elsie. Noivado aos 17, casamento aos 18. Sua vida, naturalmente muda; devora a biblioteca do marido como devorara a do pai,

lê todas as peças de Pirandello, apaixonou-se por D'Annunzio, vai a cinemas, teatros e "cock-tails" e clubes. O marido é escritor, ela também escreve na revista "Arlequim", depois dirige com eficiência "Lar Moderno", colabora em "Planalto" e na U. J. B., que era uma linha de artigos, faz contos, conhece literatos e gente de sociedade, escolhe seus próprios vestidos, nada, joga volei — e ainda pelos 19 anos é que lhe acontece o que considera a melhor coisa, a grande coisa de sua vida: tem um filho.

Começa a desconfiar que talvez não seja tão feia quanto supõe — e jamais desconfiará que um pobre moço jornalista imigrado em São Paulo parou uma tarde no Viaduto do Chá fascinado por essa morena de olhos quase verdes que passava com um vestido claro e um andar elástico, e a seguiu de longe, pelo puro prazer de vê-la.

Mulher e marido trabalham, ela traduz "A Voz dos Sinós" de Dickens, "A Nossa Cidade" de Thornton Wilder, as "Máximas e Reflexões de Epicteto"; faz contos... Depois vêm as viagens, várias a países da América do Sul, uma estada de ano e meio nos Estados Unidos, trabalhando na NBC, (vide foto) fazendo traduções, ganhando muito dinheiro, mas por fim exausta com os cuidados do filho e da casa. Ainda encontra tempo para fazer em New York mais um curso de enfermagem, como fizera no Brasil — saibam que Elsie Lessa é da Reserva do Exército, Samaritana da Cruz Vermelha, embora costumasse desmaiar quando ouvia dizer que na sala ao lado alguém estava dando

uma injeção. Essa aventura da enfermagem foi um "test" de força de vontade, de superação da própria fraqueza, de "castigo do corpo", e também de solidariedade humana. Porque há uma grande humanidade nessa cronista que amaria ser apenas frívola, há uma delicada compreensão das criaturas.

"Sou escritora por acaso, porque é melhor ser escritora do que taquígrafa... não tenho verdadeira vocação literária... acho que se não precisasse não escreveria nunca nada... Adoraria ser pastorinha de Ataulfo Alves... e bailarina então nem me diga." Publica um livro de contos "Enfermaria de Terceira", viaja por vários países da Europa e volta com um livro de crônicas, "Pelos caminhos do mundo"; desquitase; casa-se com o escritor e economista Ivan Pedro de Martins, mora no Leblon; gosta de praia, de remar e de nadar. Agora tem um nome conhecido e querido no Rio, depois de dois anos de crônica diária em "O Globo"; trabalha sempre, está agora toda semana em MANCHETE e todo mês em "Rio Magazine", tem um apartamento todo bonito e orgulha-se de ser boa dona de casa, o filho está forte e termina o clássico, já foi chamado para o Exército, já escreve poemas de amor — "bem, pode ser que eu seja coruja, mas gosto desses poemas".

E atrás de seus óculos verdes e transversais, sentada na sua grande poltrona junto das imensas estantes cheias de livros, a menina protestante olha o mar, vagamente sonhadora: "mas eu gostaria de ser é pastorinha de Ataulfo Alves..."